

A Colina Sagrada era uma ilha

No Dia do Geólogo, a Associação Baiana de Geólogos relata, oportunamente, aspectos curiosos da história da formação da Cidade do Salvador.

Alex D. G. Pereira



SITUAÇÃO A MAIS DE 500 ANOS ATRÁS



SITUAÇÃO ATUAL

vamos inúmeras feições e eventos geológicos que nos chamam a atenção, e a cidade de Salvador reserva inúmeras curiosidades formadas por eventos geológicas que marcaram o nosso ambiente há milhares e mesmo há milhões de anos e os que perduram até os nossos dias, como aqueles provocados pela erosão ou acúmulo de sedimentos.

As rochas primitivas do Brasil, formadas há bilhões de anos, estavam unidas às do continente africano. Pode-se observar que o litoral de ambos apresentam contornos que se encaixam perfeitamente, como em peças de um quebra-cabeça. A separação iniciou-se há 200 milhões de anos, através de uma fratura que deslocou os continentes americano e africano. Atualmente, a África não se move mais, e a América do Sul continua a deslocar-se alguns milímetros por ano rumo a Oeste, e a compressão com o substrato do Oceano Pacífico originou os Andes, cadeia de montanhas com altitudes superiores a 5.000 metros de altura.

As fraturas de que separaram os continentes geralmente formavam fraturas secundárias paralelas ou não ao litoral. E uma seqüência dessas penetrou no estado da Bahia, rasgando rochas primitivas e originando uma depressão preenchida por sedimentos entre 144 e 65 milhões de anos, na época dos dinossauros. Juntamente com as areias e argilas depositadas por rios e mares, havia grande quantidade de microorganismos que originaram o petróleo, acumulado nas rochas formadas pela litificação (cimentação) de tais sedimentos.

A zona de depressão que originou esta bacia de sedimentos, conhecida como Bacia do Recôncavo, situa-se entre as cidades de Salvador e Maragogipe, que em tempo pretérito apresentaram grandes fraturas móveis. Em Salvador, a falha ou fratura móvel deslocou um bloco para cima, originando o que é hoje a Cidade Alta, e outro foi rebaixado, provocando um desnível de 6.000 metros. Concomitantemente a esta movimentação, houve a deposição sedimentar, e, juntamente com a erosão, o desnível atual existente entre a Praça Cairu, na Cidade Baixa, e a Praça Tomé de Souza, na Cidade Alta, ficou reduzido a aproximadamente 70 metros.

Após a formação das rochas sedimentares, o mar invadiu uma porção desta área, originando assim a Baía de Todos os Santos. A principal característica desta invasão, que culminou no afogamento desses terrenos, é a presença de inúmeras ilhas que eram os pontos mais altos, e também pelas margens da própria baía, que se apresentam bastante irregulares, com poucas praias. A área circunvizinha a uma baía, que normalmente tem a forma côncava, é denominada de recôncavo. Daí o nome de Recôncavo Baiano para região atrás daquela baía.

As rochas das ilhas situadas nesta baía são formadas por sedimentos de granulação mais fina que areia, denominados silte, e também da fração argila; são de cores cinza-claro, por vezes com tons esverdeados, como se observa na

Pedra Furada e na Ilha de Maré. Por formar ilhas, tais rochas foram classificadas, agrupadas e denominadas pelos geólogos como Formação Ilhas. Algumas inclusive foram anexadas novamente ao continente, como a parte elevada da Cidade Baixa que vai de Monte Serrat ao Bonfim. Há mais de cinco mil anos esta colina era uma ilha, mas a deposição de novos sedimentos culminou por aterrar naturalmente a região entre a Calçada e o Bonfim, formando inclusive a península itapagipana. Já na Enseada dos Tainheiros, parte do mar foi aterrada pela mão do homem, englobando as ilhas dos Ratos e de Santa Luiza, que até hoje são áreas conhecidas com estes nomes apesar de não mais apresentarem aquela conformação geográfica.

Em outro locais, as águas avançam rumo à terra firme, afogando praias, derubando várias fileiras de coqueiros e até mesmo casas, como acontece nos dias atuais em alguns trechos da Ilha de Itaparica e Ponta do Garcez. Mas estes fatos são decorrentes de um dos princípios básicos da natureza: "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". Assim, para que haja acumulação sedimentar em uma determinada área, é preciso que em pelo menos uma parte do globo haja destruição pela erosão das rochas, de sedimentos e ou solos.

No litoral que fica em mar aberto, o comportamento e mesmo as rochas são diferentes. Pode-se observar que as rochas encontradas da Barra a Itapua e em quase todo o litoral norte são mais duras e resistentes que as encontradas

nas ilhas e que ainda guardam fraturas paralelas à linha de costa que são reliquias daquelas que deram origem à abertura do Oceano Atlântico. Porém é pouco comum a presença de rochas sedimentares, mas tem-se evidências de deposição sedimentar e de certas alterações.

A estrada que liga Amaralina a Itapua foi construída sobre um cordão litorâneo, que é um acúmulo de areia longitudinal, ao longo da costa, com alguns metros de largura (10 a 30m). Isto faz com que a estrada fique no alto e a praia na parte baixa, assim como também do outro lado desta elevação de areia ocorre uma depressão que facilita o acúmulo de água, como logo após o Jardim de Alah e na Praia do Corsário. Na Pituba isso também acontecia, mas houve um aterramento para o nivelamento das ruas e eliminação das pequenas lagoas, mas se pode observar na Avenida Manoel Dias da Silva um pequeno declive em direção a Amaralina. As lagoas da Pituba são mencionadas por Jorge Amado no livro Capitães da Areia, como o local onde os "capitães" recolhiam gias e sapos para venderem na Faculdade de Medicina para estudo de anatomia.

O material argiloso utilizado na construção daquela estrada está migrando para as praias através da infiltração das águas de chuvas e pela intensa atividade do homem nesses locais. O barro suja as areias da praia, como observa-se na Praia de Jaguaribe.

Em Jaguaribe, é interessante observar que o rio do mesmo nome corre paralelo à costa até a terceira ponte. Inicial-

mente, é preciso saber que a correnteza marinha tem o sentido norte-sul, ou seja, de frente para o mar ela desloca-se da esquerda para a direita. E todo o rio que deságua no oceano tem que se proteger desta correnteza; este é um fator natural, e para isto ele cria ou procura uma barra, ou seja, uma ponta que proteja da correnteza marinha o fluxo do rio, para que o mesmo possa passar suas águas para o oceano. Para tal, podemos citar a ponta de Jardim de Alah, que protege o Rio Camarugipe, e o da Boca do Rio (Praia dos Artistas), que protege o Rio das Pedras. Os locais são rebaixados junto à foz do rio porque há uma quebra do cordão litorâneo. Mas existe uma área rebaixada e com uma ponta ao norte. É em Piatã, onde a praia praticamente tem o mesmo nível da pista. Só que com um detalhe: não há rio. Por quê?

Há aproximadamente três mil anos, as ondas foram mais fortes e acumularam areia na foz do rio, fazendo com que este desviasse seu curso para a direita. E o constante acúmulo de areia permitiu o paralelismo do Rio Jaguaribe à praia. Este deslocamento em direção ao continente é visível ainda hoje, pois o rio continua a escavar o paredão, após a terceira ponte — rumo ao centro —, o que leva a prefeitura a depositar toneladas de pedras para conter este avanço.

Freqüentemente o mar avança e recua em relação ao continente. Após um desses avanços, seguiu-se um período de estiagem por volta de 120 mil anos atrás. Com o recuo do mar, grandes quantidades de areia ficaram expostas. Na impossibilidade da instalação de uma cobertura vegetal, devido à aridez do clima, a força dos ventos transportou um grande volume de areia, formando dunas com alturas de mais de 50 metros em relação ao nível do mar, que podem ser observadas desde o Farol de Itapua até a Praia de Ipitanga.

Este acontecimento aprisionou um pequeno riacho que nascia no Alto do Abaeté e corria rumo à enseada da ponta de Itapua. Através do acúmulo de areias, as águas que alimentavam o riacho começaram a se espraiar em uma cota a cerca de 30 metros acima do nível do mar atual, o que deu origem à formação da Lagoa do Abaeté.

Fato similar aconteceu com o Rio Pituaçu, barrado pelas areias movimentadas pelo vento, o curso d'água foi aprisionado na forma de uma lagoa, até que um de seus afluentes fosse capturado pela bacia hidrográfica do Rio das Pedras. Este fato pode ser observado pela direção do fluxo das águas da represa de Pituaçu e também pela localização da barragem, construída em 1911, que abastecia a estação de tratamento de água de Bolandeira.



Alex Pereira é geólogo formado pela UFBA e diretor de Imprensa e Divulgação da ABG.